



ACTAS DO COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL

RECONVERSÃO E MUSEALIZAÇÃO DE ESPAÇOS INDUSTRIAIS

ACTAS DO COLÓQUIO DE MUSEOLOGIA INDUSTRIAL

**RECONVERSÃO E MUSEALIZAÇÃO
DE ESPAÇOS INDUSTRIAIS**

EDIÇÃO

Associação para o Museu
da Ciência e Indústria

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Maria da Luz Sampaio

PROJECTO GRÁFICO

Arquétipo Design

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Litogaia Artes Gráficas

1.ª Edição · 2003

Depósito Legal n.º 204643/03

ISBN: 972-98277-3-7

Tiragem: 1000 ex.

FOTOGRAFIA DA CAPA

Interior da antiga Fábrica
da Companhia de Moagens
Harmonia – Museu da Indústria
© Paula Abreu · 2002

TÍTULO

Actas do Colóquio
de Museologia Industrial
“Reconversão e Musealização
de Espaços Industriais”

LOCAL

Auditório da Biblioteca Municipal
Almeida Garrett, Porto

DATA

17 e 18 de Outubro de 2002

COMISSÃO ORGANIZADORA

Alice Semedo
Álvaro Domingues
Armando Coelho Ferreira da Silva
Maria da Luz Sampaio

SECRETARIADO

Armandina Silva
Sofia Lage

**EDIÇÃO CO-FINANCIADA PELO FEDER
OPERAÇÃO NORTE****APOIOS**

Câmara Municipal do Porto
Fundação para a Ciência
e Tecnologia – Ministério da Ciência
e Ensino Superior

Patrocínios

Barclays
Sandeman

AGRADECIMENTOS

O Museu da Indústria e a Secção de Museologia
do Departamento de Ciências e Técnicas
do Património da Faculdade de Letras da Universidade
do Porto, agradecem a especial colaboração de

Dr.^a Graça Filipe

Arqt.^o Nuno Portas

Dr.^a Raquel Henriques da Silva

ANTIGA FÁBRICA DE MOAGENS
HARMONIA – DE FÁBRICA A MUSEU
DA INDÚSTRIA DO PORTO

Alice Semedo

Museu da Indústria

João Rapagão

César Fernandes

Maria da Luz Sampaio

NOTA BIOGRÁFICA

Alice Semedo

Licenciatura em História, variante de arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
Docente do Curso de Pós-Graduação de Museologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
Master Of Arts pela Universidade de Leicester – Inglaterra;
Doutoramento em Museologia pela mesma Universidade;
Membro da Secção de Museologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
Consultora em vários projectos de museologia.

Maria da Luz Sampaio

Coordenadora do Museu da Indústria;
Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
Pós-Graduação em Museologia Social pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias;
Curso de Gestão Cultural pelo Instituto Empresarial Portuense.

João Paulo Rapagão

Co-autoria do projecto do Museu da Ciência e Indústria (1996);
Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa;
Doutorando pela Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Valladolid – Espanha;
Professor Auxiliar Convidado na Faculdade de Arquitectura e Artes da Universidade Lusíada no Porto e do Departamento Autónomo de Arquitectura da Universidade do Minho.

César Fernandes

Co-autoria do projecto do Museu da Ciência e Indústria (1996);
Arquitecto pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa;
Doutorando em Arquitectura na Escola Técnica Superior de Arquitectura da Universidade de Valladolid – Espanha.

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas temos assistido, por toda a Europa, a um processo de desindustrialização das cidades e de reconversão das áreas industriais em grandes projectos de revitalização urbana, ora integrando as memórias da indústria, ora, frequentemente, fazendo tábua rasa da identidade dos lugares.

Este fenómeno tem colocado na ordem do dia as questões relativas à salvaguarda e reconversão do património industrial e levado ao aparecimento de novos museus, galerias e centros culturais, como forma de reabilitar antigas áreas/edifícios industriais como é o caso da Tate Modern Gallery em Londres, o Museu da Ciência e Indústria em Manchester ou Les Abbatoirs – Musée/Centre d'Art Moderne et Contemporain em Toulouse, demonstrando a crescente importância que esta sensibilidade museal ocupa na nossa cultura e experiência do mundo. Neste canto da Europa, o Porto não escapa ao fenómeno e a criação do Museu da Ciência e Indústria assume, assim, um especial significado, tanto mais numa cidade cuja morfologia territorial favoreceu o nascimento de unidades fabris que volvidos dois séculos, apesar do processo de desindustrialização, ainda se conservam na cidade.

Os finais dos anos 70 e inícios e dos anos 80 caracterizaram-se por uma profunda crise da indústria portuguesa que se relaciona com vários factores dos quais interessa destacar a perda dos mercados coloniais, a falta de uma mão-de-obra competitiva e a inexistência de uma tecnologia concorrente com os seus parceiros europeus. Este contexto levou muitas unidades industriais a encerrar, reconverter ou deslocar-se para a periferia.

O desaparecimento de grandes áreas industriais da cidade do Porto e as transformações sociais daí decorrentes constitui uma preocupação dos inícios

dos anos 90, preocupação partilhada quer por historiadores e arqueólogos quer pelo poder local — que se vem assumindo como o principal agente de preservação e de re-utilização deste património — levando, nomeadamente, à realização do Levantamento do Património Industrial Portuense [1]. Esta pesquisa, feita em arquivos e bibliotecas, estendeu-se ao terreno e permitiu identificar as unidades industriais de maior interesse no âmbito do património industrial portuense.

No decorrer do Levantamento Industrial Portuense, a autarquia organizou outras iniciativas, com especial destaque para um programa de visitas guiadas ao património industrial da cidade do Porto e, mais tarde, uma exposição fotográfica sobre a Indústria Portuense.

O sucesso destas iniciativas culminou em 1993 com a criação, pela Câmara Municipal do Porto e pela Associação Industrial Portuense (actual Associação Empresarial de Portugal), da Associação para o Museu da Ciência e Indústria — AMCI. O principal objectivo da Associação era criar um museu que reunisse espólios e peças de proveniência industrial cuja degradação e deterioração pareciam inevitáveis. Paralelamente, a associação seria o agente promotor de estudo e construção da memória industrial do Porto, reunindo informação documental sobre todo o património edificado.

2. A INSTALAÇÃO DO MUSEU

Com a criação da Associação foi necessário encontrar um edifício para instalar o museu. Do levantamento realizado, vários edifícios emblemáticos evidenciavam ter potencial de adaptação à função museológica. Contudo, a maioria já possuía projecto de viabilidade para construção ou então os seus proprietários tinham por objectivo a especulação dos respectivos terrenos. Dos casos então referenciados, aquele que reunia melhores condições era a antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia. Este edifício oitocentista, tinha preservado em bom estado de conservação as suas características arquitectónicas, possuía uma área adequada à função museológica e a sua localização privilegiada, na margem do rio Douro e contígua ao Palácio do Freixo, confirmava o seu potencial para a exploração de actividades turísticas. Para além disso, e do grupo de edifícios avançado, era o único que pertencia a um organismo do governo central sendo, à partida, mais fácil a sua negociação por parte da autarquia.

A instalação deste museu no Freixo, associada à criação do Museu Nacional da Imprensa e ao Palácio do Freixo, permitia sublinhar a existência de um pólo

[1] O trabalho de Levantamento do Património Industrial portuense foi entregue pelo Pelouro de Animação da Cidade do Porto a uma equipa, constituída por um professor universitário da Universidade do Minho e uma licenciada em História e executado entre 1991 e 1993.

fig. 1



fig. 1
Antiga fábrica
da Companhia
de Moagens
Harmonia.

cultural e museológico na região oriental da cidade, potenciando o processo de requalificação da zona.

3. A ASSOCIAÇÃO PARA O MUSEU DA CIÊNCIA E INDÚSTRIA: ACTIVIDADES E OBJECTIVOS

Partindo dos objectivos que presidiram à fundação da AMCI e conscientes do nosso papel no estudo, salvaguarda e divulgação das questões relativas ao património industrial e tecnológico, organizámos as nossas linhas programáticas em torno de quatro grandes áreas de intervenção:

- 1 Estudo e divulgação do património industrial portuense;
 - 1.1 Projectos de Investigação Científica;
 - 1.2 Projectos Editoriais;
- 2 Recolha e Estudo de Colecções;
- 3 Programa de Exposições Temporárias;
- 4 Projectos sócio-educativos.

Na primeira área de intervenção do projecto, a estrutura da AMCI tem vindo a compilar e a estudar informações sobre o acervo recolhido nas unidades de proveniência, criando em 1998 um Centro de Documentação e Arquivo com a finalidade de constituir um fundo documental sobre a indústria portuense.

Os espólios documentais são uma ferramenta essencial para a investigação nesta área temática, em particular para estudos de história económica e empresarial que devem ser desenvolvidos e acompanhados pela universidade, centros de estudo, associações sectoriais, etc. Pretende-se que o Centro de Documentação e Arquivo do Museu seja um recurso fundamental e de referência ao estudo científico nas áreas disciplinares abrangidas.

Recentemente, e na continuidade do levantamento do património industrial realizado no início dos anos 90, a AMCI, em colaboração com a Divisão de Património Cultural da Câmara Municipal do Porto, participou na definição da Carta do Património da Cidade, recenseando um conjunto de áreas e edifícios industriais. Seleccionados segundo uma grelha de critérios pré-definidos, o objectivo desta classificação é a criação de uma Reserva Portuense do Património Industrial e a definição de modelos e soluções específicas para a preservação e reconversão dos edifícios que a integram.

No que diz respeito à actividade editorial, a AMCI publicou até ao momento dois exemplares da revista de *Arqueologia Industrial* e nove números do Boletim Informativo *Museu da Ciência e Indústria*. Estas publicações mostraram ser meios privilegiados de contacto com os diversos públicos, em particular com a comunidade educativa, tendo sido utilizadas como referência bibliográfica em algumas disciplinas de cursos universitários. Nos próximos anos prevê-se a publicação de um novo *Boletim Informativo*, com novo formato e imagem gráfica, e a produção de *dossiers* monográficos dedicados à história de grandes empresas e da sua evolução tecnológica. A edição de um catálogo das colecções e de *dossiers* de exploração pedagógica são alguns dos projectos no âmbito da instalação da exposição permanente do Museu.

4. DE MUSEU DA CIÊNCIA E INDÚSTRIA A MUSEU DA INDÚSTRIA: ACTUALIZAR E DEFINIR ESTRATÉGIAS, OBJECTIVOS E DENOMINAÇÕES

A criação deste projecto museológico vem colmatar uma necessidade há muito sentida de encontrar um espaço de estudo, conservação e divulgação do processo de industrialização da cidade do Porto desde finais do século XVIII à actualidade.

O historial das acções da Associação para o Museu da Ciência e Indústria espelha bem a resposta dada, quer pela autarquia, quer por várias entidades empresariais, artísticas, culturais, etc, de criar um projecto no âmbito desta área disciplinar e patrimonial. Actualmente, o projecto carece da necessária

recuperação da antiga Moagem para instalar definitivamente as diferentes valências de um Museu que tem vindo a ser amadurecido com muitos contributos e com a experiência de dez anos de actividade.

A permanente necessidade de actualização e definição de estratégias, levou à criação de um Conselho Consultivo em 2002, constituído por especialistas de várias áreas disciplinares, que, em conjunto com a equipa técnica do museu, têm vindo a desenvolver projectos de investigação, a definir os conteúdos programáticos, seus objectivos e metodologias de trabalho.

Uma das primeiras tarefas deste grupo foi o estudo dos projectos museológicos nacionais nas áreas da ciência, técnica e indústria. Seguiu-se uma análise do projecto da AMCI tendo em consideração vários factores externos: o impacto das acções da Sociedade Porto 2001 na cidade; o programa de requalificação da região Oriental da cidade do Porto, em particular das obras de recuperação do palácio do Freixo e sua envolvente; o projecto *POLIS* para a marginal de Gondomar; e os efeitos da integração na Rede Portuguesa de Museus.

À luz da evolução operada no panorama museológico nos últimos dez anos e dos estudos realizados sobre a instalação e viabilidade do projecto, procedeu-se à redefinição dos seguintes aspectos:

- 1 Missão e objectivos do projecto;
- 2 Estratégias e programas de acção, tendo em vista a instalação definitiva do museu;
- 3 Políticas de gestão e estudo de colecções;
- 4 Estruturação do quadro de pessoal e organigrama, integrando as novas perspectivas deste capítulo e dando resposta às novas exigências;
- 5 Preparação e concepção dos conteúdos científicos para os núcleos da exposição nuclear do museu;
- 6 Definição de políticas de comunicação que se articulem com as políticas das exposições e com a captação e fidelização de públicos.

Nesta ordem de trabalhos, foi evidente a necessidade de criar uma distinção entre o Museu e os novos centros e museus de ciência, enquadrando a sua missão e especificando o seu objecto, tendo em consideração as novas orientações e os seguintes pressupostos:

- a falta de um espaço dedicado à história local contemporânea nas suas vertentes económica, social e política;
- a ausência de um espaço-memorial da história da indústria e suas

tecnologias numa região em que foi, e ainda é, relevante;

- um espaço dedicado à promoção do tecido empresarial.

O Conselho Consultivo foi ainda, e em conjunto com a equipa técnica, responsável pela proposta de alteração da denominação de “Museu da Ciência e Indústria” para “Museu da Indústria”, enquadrando deste modo a especificidade e vocação do projecto enquanto museu de história social.

Do conjunto de documentos produzidos salientamos a nova definição de Missão do Museu:

- O MUSEU DA INDÚSTRIA reclama-se como um museu de História Social e Local, que coleciona, estuda, conserva e divulga o património arqueológico-industrial da área metropolitana do Porto, com a missão de: Valorizar as temáticas do fenómeno da industrialização e das questões relativas ao seu impacto económico, social, urbanístico, arquitectónico, antropológico, tecnológico e patrimonial, promovendo a compreensão do seu significado para o mundo contemporâneo.

A definição dos seus Objectivos Gerais:

- Promover o conhecimento e o interesse pelo património industrial do Porto no seu contexto sociocultural, económico, geográfico e científico;
- Desenvolver experiências educativas para grupos escolares, famílias, seniores e outros grupos que reflectam um conhecimento dos diferentes tipos de aprendizagem e suas expectativas;
- Experimentar estratégias expositivas e programáticas, utilizando tecnologias inovadoras que permitam alcançar os objectivos do museu e segmentos amplos de audiência;
- Desenvolver e implementar formas de colaboração com outras instituições socioculturais, empresariais e educativas, nomeadamente as relacionadas com a formação profissional, a investigação científica e tecnológica;
- Promover relações de reciprocidade entre o Museu e o tecido envolvente, funcionando como “instituição âncora” de projectos inovadores com a comunidade local;
- Oferecer um espaço de debate público sobre os processos de desenvolvimento de várias áreas disciplinares, muito especialmente as que envolvem a indústria;



fig. 2 Peneiro Buhler da Fábrica Milaneza.
Fotografia: AMCI.



fig. 3
Cadinho da Companhia
Industrial de Fundição.
Fotografia: Paula Abreu.



fig. 4
Lata de Polimento
Espelho, Fábrica
de Produtos Coração.
Fotografia: Paula Abreu.

- Facilitar o entendimento da conservação do meio ambiente e do património, promovendo a criatividade e uma consciência crítica da história.

5. COLECÇÕES

Uma área fundamental para o desenvolvimento do projecto museológico da AMCI é logicamente, a recolha e estudo de colecções industriais — máquinas, peças, acessórios, apetrechos de trabalho, documentação, etc. — na Área Metropolitana do Porto.

Ao longo dos dez anos de actividade, a AMCI recolheu peças oriundas dos sectores têxtil, da fundição, da moagem, dos curtumes, dos fósforos, da electricidade, da metalomecânica, etc.

A recolha de peças começou em 1992, com o levantamento de quatro máquinas da Companhia de Lanifícios de Lordelo. Estas foram as primeiras de muitas peças a integrar a colecção do Museu, sendo de destacar, ainda o espólio da Sociedade Nacional de Fósforos – SNF; Empresa Fabril do Norte – EFANOR; Milaneza; Fábrica de Produtos Coração, entre outros.

fig. 2 a 4

O objectivo desta recolha junto de empresas — na sua grande maioria já encerradas — é a criação de uma colecção representativa do processo de industrialização e das técnicas utilizadas nos vários sectores industriais do Porto.

Durante os últimos anos o Museu tem vindo a definir uma política de aquisição que emana da sua missão, programa museológico e dos eixos orientadores da exposição permanente, em particular dos seus núcleos temáticos.

Assim, definiram-se os seguintes critérios e parâmetros de avaliação para a incorporação de peças na colecção do museu:

Critérios históricos, tecnológicos e morfológicos.

Parâmetros de avaliação:

- sector industrial de proveniência;
- representatividade da peça no sector;
- recurso energético;
- marca/modelo;
- materiais de fabrico;
- estado de conservação;
- documentação anexa;
- volume e peso;
- nacionalidade;
- viabilidade financeira da sua recuperação;
- valor financeiro.

O Museu tem conseguido obter junto das empresas ou de familiares de antigos empresários a oferta de espólios muito diversos. Tem ainda estabelecido parcerias junto das associações sectoriais e de outras entidades com o objectivo de aumentar o número de doadores e encontrar interlocutores válidos para cadastrar o património industrial portuense.

Uma vez incorporadas, as peças têm sido, dentro do possível, estudadas e documentadas, tarefa em que têm colaborado vários especialistas: engenheiros de produção, empresários e os próprios operadores das máquinas. Para o efeito o Museu adquiriu um Programa de Gestão que lhe permite não só inserir as peças da colecção como os sítios industriais de proveniência e fabrico, relacionando-os com os diversos materiais documentais de apoio: gráficos ou audiovisuais (fotografia, vídeo, bibliografia, etc.).

Ao cabo de dez anos de actividade, a AMCI possui cerca de 700 peças (não incluindo fundos documentais) provenientes de unidades industriais da região

do Porto. Peças, máquinas e ferramentas que não sucumbiram à destruição ou à fundição na siderurgia e que, em alguns casos, são os únicos testemunhos de unidades relevantes do tecido urbano, quer pela sua proveniência, sector e modelo, quer pela sua longevidade e raridade.

Como podemos verificar, o Museu possui um espólio representativo da indústria do Porto proveniente, quer de empresas emblemáticas de determinados sectores industriais, como a FACAR – Fábrica de Tubos António Carvalho (Leça da Palmeira) ou a EFANOR – Empresa Fabril do Norte (Matosinhos), quer de unidades industriais de pequena dimensão e de carácter familiar, como a Metalúrgica do Bonfim, na rua do Bonfim (Porto), ou da fábrica de Produtos Químicos Albrecht Löbe, mais conhecida por Fábrica de Produtos Coração, localizada na rua António Barroso (Porto).

Nos últimos anos, a recolha de espólio tem procurado obedecer a objectivos muito específicos. Realizada prioritariamente na cidade do Porto e concelhos envolventes, procura incorporar grupos de objectos representativos de uma cadeia técnica – conhecimento das operações, gestos, processos e fenómenos técnicos – não esquecendo a documentação produzida em cada unidade de proveniência: catálogos, manuais, assim como o registo de depoimentos orais junto dos proprietários e operadores.

6. A EXPOSIÇÃO PERMANENTE DO MUSEU

Nos últimos dois anos a AMCI tem vindo a programar a sua exposição permanente, que apresentará a história do Porto industrial desde os finais do século XVIII até à actualidade. A exposição procurará articular as características do edifício museológico em que se vai inserir — a antiga fábrica das Moagens Harmonia, dotada de uma estrutura específica que inclui cave e quatro amplos andares — com uma representação histórica da “indústria portuense”.

Para efeitos de representação da “indústria portuense” o Museu recorrerá essencialmente ao espólio próprio, constituído por diversas máquinas e equipamento fabril: geradores, locomóveis, motores, instrumentos diversos, etc; e materiais de natureza documental tais como: catálogos técnicos, revistas, manuscritos diversos, cartazes, fotografias, filmes, etc. O discurso expositivo tem, no entanto, um objectivo muito claro: a interactividade. Este enquadramento e linguagem terá como principais recursos o apoio de meios audiovisuais, que permitirão visualizar situações que já não são passíveis de documentar com objectos reais; e maquetes dinâmicas que, pela sua interactividade,

são, cada vez mais, ferramentas pedagógicas fundamentais.

A exposição desenvolve-se em cinco núcleos temáticos distintos:

- 1.º *Memória do Sítio*, núcleo dedicado à história e evolução do sector moageiro, desde os moinhos às fábricas de moagem, apresentando em particular o caso da Companhia de Moagens Harmonia: a sua tecnologia, os seus protagonistas.
- 2.º *As configurações Pré-industriais (Séc. XVIII a 1843)*. Neste núcleo apresentaremos a evolução das tecnologias tradicionais até à criação das Reais Manufaturas, o sistema de ofícios e suas corporações, bem como as oficinas têxteis e o nascimento das primeiras unidades.
- 3.º *Livre-mercado e Indústria (1834-1931)*. Neste núcleo serão abordados os conceitos de fábrica, livre concorrência, protecção, pautas alfandegárias, a par de noções históricas fundamentais como a introdução da máquina a vapor e a evolução tecnológica dos diversos sectores industriais: têxtil, fundição, curtumes, fósforos, produtos químicos...
- 4.º *O Condicionamento Industrial (1931-1974)*. Este núcleo retratará o contexto nacional e o condicionalismo político deste período com base em documentos como o “Estatuto do Trabalho Nacional”, e fará uma reflexão sobre as opções económicas tal como a reorganização industrial, as refinarias, as vias de comunicação, o ensino industrial, os grémios, os bairros operários, etc.
- 5.º *O Pós-salazarismo e a Integração Europeia (1974-actualidade)*. Neste núcleo serão privilegiados temas como a liberdade de associação sindical, a conflitualidade operária, o fim do Mercado Colonial, a integração europeia, o fenómeno de desindustrialização urbana, as novas tecnologias, as empresas e os seus desafios actuais e futuros.

Esta exposição aposta numa narrativa interpretativa e sensorial, onde a inovação, o conhecimento e a interactividade estão presentes, quer nas abordagens multidisciplinares do tema — a indústria e as transformações sociais, económicas e urbanísticas operadas desde o início do século XVIII ao século XX — quer pela utilização de modernos suportes e meios técnicos, quer através do recurso às novas tecnologias.

Esta narrativa terá como complemento um espaço dedicado à indústria na actualidade, convidando-se para o efeito as empresas a realizar aqui a apresentação dos seus produtos, projectos, mudanças de instalações, novas sedes e linhas



fig. 5 Exposição “Explorar, Jogar, Descobrir: a matemática ao alcance de todos”. – Fotografia: AMCI, 1998

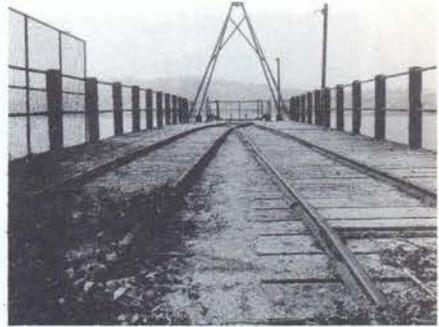


fig. 6 Exposição “4. Moagens Harmonia”. Fotografia: Aníbal Lemos, 1999

de montagem, etc. Desta forma o discurso expositivo será continuamente renovado e articulado com as exposições temporárias e eventos promocionais que lhe estejam associados.

O principal objectivo desta exposição é despertar a consciência de todos nós para a evolução do sector industrial, para os seus condicionalismos, saltos tecnológicos e o seu papel no desenvolvimento de uma região. Deverá ser pedagógica não só para as actuais gerações, como gerações futuras, demonstrando que existe um património humano e técnico, que foi uma alavanca de crescimento regional e nacional.

7. PROGRAMA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Nesta área o Museu propõe-se organizar um programa de exposições temporárias regulares que cumpra os objectivos programáticos do Museu (nomeadamente apoiando a própria política de aquisições), que se dirija a diferentes segmentos de público e que permita envolver vários parceiros institucionais.

O Museu está, pois, empenhado no desenvolvimento de uma cadeia de relações de investigação e permuta inter-municipal; inter-regional; inter-nacional de projectos culturais, que se concretizem através da itinerância de exposições; organização de acções de formação, colóquios, etc. Deste modo, reclama uma programação orientada por uma postura mais globalizante, baseada numa visão de conjunto do que se produz a nível nacional e internacional. O objectivo é a produção de uma oferta cultural diversificada, qualificada, que rentabilize recursos e investimentos através da capacidade de integrar a oferta nos circuitos culturais.

fig. 5, 6



fig. 7
Atelier de expressão artística
“Máquinas”. N.E.C. – Núcleo de
Experimentação Coreográfica.
Fotografia: N.E.C. 2001.

8. PROJECTOS EDUCATIVOS

Cada museu contribui para o processo educativo de uma forma distinta que depende não só da natureza das suas colecções, mas também do seu entendimento da função comunicativa. Neste sentido, o Museu da Indústria do Porto é uma instituição cultural intrinsecamente educativa, o que não significa que todas as suas realizações se revistam de um carácter expressamente pedagógico. O conceito tradicional de educação museal tem-se centrado sobretudo nas possibilidades de aprendizagem que estas instituições oferecem, nomeadamente às escolas, dedicando a maior parte dos seus esforços aos grupos escolares. Numa primeira fase, também o Museu da Indústria entenderá estes grupos como parceiros privilegiados na realização dos mais diversos programas. No entanto — e reflectindo a evolução das doutrinas educativas —, o Museu enfatizará também as múltiplas possibilidades de educação não-formal, procurando desempenhar um papel educativo junto de toda a comunidade, independentemente da sua idade, conhecimentos, profissão, etc.

fig. 7

Incumbe-nos motivar segmentos da audiência tradicionalmente considerados não-visitantes, procurando ir ao encontro dos seus interesses, proporcionando experiências positivas que os incentivem a frequentar o Museu. Neste sentido, interessa particularmente ao Museu criar laços frutuozos com a comunidade local, promovendo parcerias e o envolvimento de instituições e associações locais. As actividades intergeracionais, como por exemplo o desenvolvimento de um projecto de “história oral”, integram-se nesta perspectiva socializadora, enfatizando o valor da memória, participando na melhoria da qualidade de vida e criando um espaço de acolhimento de um segmento importante da audiência.

Outro grupo são as famílias, cada vez mais presentes nos Museus. Se, por um lado, existe uma maior apetência destes grupos por actividades lúdico-educativas, por outro, eles são cada vez mais considerados como grupos privilegiados de aprendizagem, favorecedores da troca de informação entre as diferentes gerações. A aposta educativa do Museu nos grupos familiares servirá não só os interesses destes visitantes como — e tendo em conta que estas visitas correspondem geralmente a uma actividade de iniciação social e cultural — se traduzirá num investimento a longo prazo nos “futuros visitantes”.

Ao visitante individual — nomeadamente ao turista de língua estrangeira, que se caracteriza por uma maior independência na escolha de percursos, — serão também oferecidos “instrumentos de apoio à interpretação” dos espaços expositivos. O Museu da Indústria integrará circuitos temáticos relacionados com a história da cidade, nomeadamente com o seu passado industrial, enriquecendo o panorama museológico da cidade e a sua oferta cultural e turística.

Conforme foi indicado pelo estudo de viabilidade já realizado pela AMCI, antigos trabalhadores da indústria e empresários constituem um público-alvo desta primeira fase. São públicos distintos dos anteriormente apontados e, como tal, requerem uma abordagem diferenciada. No caso dos empresários, a organização de “eventos-prestígio” associados a objectivos relacionados com outras áreas do Museu (nomeadamente marketing/mecenato, marketing/ aluguer de espaços e aquisição de colecções) servirá tanto os interesses do Museu quanto os deste grupo. No caso do primeiro grupo, seria de todo o interesse o Museu incentivar a sua colaboração, participando em muitos dos programas organizados convertendo-se assim, estes, em interlocutores/informadores privilegiados.

9. PROJECTO DE ADAPTAÇÃO DA ANTIGA MOAGEM A MUSEU DA INDÚSTRIA

9.1 *A concepção do futuro Museu*

A ideia que orienta a instalação do futuro Museu da Indústria no edifício da antiga fábrica da Companhia de Moagens Harmonia parte do princípio que tudo é herança transmissível e considera, para a história da indústria, todas as épocas válidas, enquanto partes de um todo que não é legível sem a sequência natural das partes que o constituem. Este projecto explora a vocação do edifício, ao nível do espaço exterior envolvente e ao nível do espaço interior, a ideia de parque industrial temático e de “espectáculo” histórico.

O conceito procura a afirmação de uma solução que não se sobreponha à didactização do edifício e da sua envolvente, tentando aproximar, através do

uso, o edifício do utente. Prevê, ainda, a integração do imóvel no quotidiano, reconstituindo a sua vida diária, de permanente laboração.

Procura, por isso, no lugar e no edifício, reler o fluir da história e explicitar este fluir através das linguagens válidas, parte integrante da sua identidade, sem neutralizar a preexistência. Procura, ainda, explicitar as fases de desenvolvimento do imóvel, de modo a que não funcione, apenas, como pano de fundo de uma solução arquitectónica. A preexistência é moldada, trabalhada e usada como matéria-prima do projecto.

A solução desenha uma intervenção que não cristaliza e que não estabiliza, para sempre, o edifício e, por consequência, o conjunto, assume-se como mais uma etapa da sua vida.

As salas destinadas às exposições privilegiam uma leitura em fila ou galeria capaz de traduzir um sentimento que sublinhe e interprete o percurso industrial de utilização da fábrica promovendo a ideia de exposição.

Os acessos propostos estão definidos e condicionados pelos pontos de contacto com o exterior. Estão estruturados de acordo com a sua hierarquia e de acordo com as identidades e capacidades dos contactos referidos.

O Alçado Norte oferece os vãos que permitem o acesso principal ao equipamento no corpo mais antigo e mais alto. A organização do alçado, nomeadamente dos vãos que o integram, sublinham uma composição simétrica que indica a localização do acesso principal no vão central da planta do rés-do-chão.

A rampa lateral situada no Alçado Nascente permite o acesso privado aos espaços do museu, nomeadamente cafetaria e pátios exteriores. Permite, ainda, o acesso independente a espaços internos sem cruzamentos de nível com acessos e percursos públicos.

A organização do programa procura, ainda, diversificar as visitas, oferecendo perspectivas diversificadas para os utilizadores nos percursos de observação das exposições.

9.2 Pontos de orientação e de actuação

O Museu da Indústria ocupa uma área construída com cerca de 6.000 m² e uma área não construída com cerca de 1.500 m². O projecto defende o reforço da composição e da qualificação do espaço envolvente, válido, por si só, pelas características individuais dos elementos que integram o quadro existente. A composição deve, por isso, reforçar as linhas axiais que facilmente se encontram nos desenhos dos dois imóveis (Palácio e Moagem).

O projecto defende o princípio de um museu com as características que resultam do aproveitamento das estruturas originais de um espaço fabril com a identidade de um centro capaz de impulsionar os aspectos científicos e técnicos de uma cultura que está na origem da vida moderna. Defende, ainda, associada a esta ideia, a adequação de um espaço valioso do ponto de vista histórico que narra uma sucessão temporal e espacial.

Assim as linhas gerais de orientação da solução de arquitectura são as seguintes:

- criação de um percurso pedonal que constitua um passeio público paralelo ao rio, e que, associando os equipamentos previstos seja um motivo para a valorização e a qualificação urbana da área envolvente do museu;
- integração e apropriação de todas as estruturas físicas preexistentes que possam informar um percurso industrial e constituir um momento da história da cidade como, por exemplo, as antigas instalações da Companhia de Moagens Harmonia actuais;
- pavimentação dos pátios exteriores do Museu da Indústria com texturas que desenhem valores capazes de acusar as diferenças das tipologias presentes — Museu e Palácio;
- utilização do cais existente e, por consequência, reanimação daquele ponto de acesso da margem do rio;
- instalação do museu nas estruturas espaciais da antiga Fábrica da Companhia de Moagens Harmonia e dignificação da racionalidade da estrutura modulada existente;
- adequação dos espaços existentes às funções previstas nos usos do museu, sem deturpação ou depreciação do imóvel;
- valorização dos elementos preexistentes que constituem testemunhos de uma identidade industrial propícia ao desenvolvimento de um programa museológico temático dedicado à indústria;
- definição de um percurso público de visita que cumpra o trajecto funcional de produção e distribuição anterior, percorra o imóvel e permita a apreensão da totalidade do espaço por parte do utente;
- revelação do Rio Douro antes e depois do percurso público de visita às exposições;
- localização dos espaços destinados aos usos públicos nas naves desenhadas pela racionalidade da estrutura modulada da antiga fábrica e caracterizadas pela unidade interior que confirma as volumetrias exteriores;

- instalação dos serviços semi-públicos em áreas compartimentadas e caracterizadas pela sua escala próxima da humana;
- marcação dos acessos públicos no Alçado Norte nos pontos que permitem uma apreensão da distribuição dos diferentes espaços e usos que integram o museu, organizados de acordo com um critério que respeita a hierarquia das funções;
- definição dos acessos aos serviços privados nas áreas menos privilegiadas do ponto de vista visual e que, por não se encontrarem ao alcance do público, apresentam, no entanto, características de acessibilidade importantes para o ingresso privado;
- recuperação das estruturas físicas existentes com a implantação de reforços pontuais que tornem possível a colocação e exposição de objectos pesados nos pisos superiores;
- actualização e adequação das condições de conforto do imóvel às exigências do museu, nomeadamente, às de conservação dos bens que integram o espólio;
- substituição de todos os elementos que representem uma ameaça ao equilíbrio estrutural e visual do imóvel por outros com características iguais;
- demolição de todas as posições que representem obstáculos à interpretação do documento que a fábrica antiga representa;
- recuperação de elementos significativos existentes no interior e no exterior como, por exemplo, as condutas de cereais em madeira localizadas no corpo Nascente e a chaminé em material cerâmico que pontua o pátio;
- significação do espaço existente através da apresentação de uma proposta de exposição que valoriza o espaço industrial.

10. CONCLUSÃO

No contexto do que foi dito anteriormente, o Museu da Indústria, para além das funções tradicionais de investigar, coleccionar, conservar e expor, assumirá outras funções relacionadas com a sua natureza socializadora e com a sua vocação de serviço público. A comunicação e o seu carácter educativo e lúdico são assim parte integrante e definidora da essência e missão deste museu. A utilização competente e reflexiva das colecções é ainda compreendida como um recurso importante de integração social e de criação de novos canais de comunicação

— e, conseqüentemente, de acesso à cultura no seu sentido mais lato — promovendo os valores humanistas de participação na esfera pública. O Museu da Indústria será, por isso e acima de tudo, um espaço de informação e debate relevante e um local de divertimento que promoverá a acessibilidade em todos os sentidos.